



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV — N.º 371 — Preço 1800
31 DE MAIO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida

UMA RAPSÓDIA

(Continuação do número anterior)

Horas de paz! Assim escreveu quem nunca a teve e morreu desesperado, mas não é disso que se trata. Eu não sei se no Atlântico se dá o mesmo fenómeno. No Índico, e sobretudo naquela garganta entre Madagáscar e Moçambique, por onde o mar se escoia dá-se o seguinte: até os ciclones são frequentes e vêm de repente. Ninguém os espera; nada os indica. Caem como o milhafre sobre a inocente presa. Duma vez, em Março de 1918, uma linda manhã de mar calmo e céu límpido, saiu um barco do porto do Chinde, que nunca mais apareceu. O ciclone caiu-lhe em cima três horas após a sua saída. Outros vapores, mais fortes do que este, entra-

vam desmantelados, sem mastros nem chaminés nem baleiras. Um norueguês morreu na boca da barra, à nossa vista, sem ninguém lhe poder valer. São assim os ciclones no Canal de Moçambique, mas o fenómeno é este: — O ciclone passou; o sol já espreita, animador; as ondas vêm mansinhas, desmaiando felizes ao tocar na areia. E contudo, qualquer coisa ronca ainda no seio do mar. O eco do ciclone fica durante longos dias, perdido, na imensa abóbada celeste!

Assim comigo. Passou por aqui uma certa tempestade; um certo ciclone. O sol já espreita; a vida já se desdobra em ondas alegres, felizes e contudo o eco ronca, ronca e eu quisera ouvi-lo, gosá-lo sempre, no tempo e na eternidade!

Presença

Há valores que não mudam. O aconchego de um regaço de Mãe é assim. Que melhor sedativo nas horas de tempestade?! O filho **cai** ali — e fica.

Tudo é mutável; tudo é contingente. Só Deus não. Ele e a Sua Vontade desenrolando-se no Tempo, que é a Sua Igreja.

Quem vive dela; quem se alimenta só das Suas vísceras, como o embrião no útero materno — estando, embora, colocado em encruzilhadas de mutações possíveis e diversas, experimenta algo do atributo da imutabilidade.

Que o turbilhão rodopie em sua volta... Que a mutável natureza humana estremeça com a viragem... A sobrenatureza, o que não perde o valor com o tempo e se fixa imutável no derradeiro instante dele — essa estreita-se mais nos braços da Mãe e restitui à natureza que lhe está unida o equilíbrio, a serenidade, a paz.

O turbilhão poderá ser lá fora... Dentro reina a quietação.

Que bom termos Mãe e sermos, mais do que nos Seus braços, como o embrião no seio materno — sermos só d'Ela, vivermos só por Ela, sofrendo, talvez, mas não mudando com o turbilhão que continua, fora!

Há que confessar, e com muito prazer o faço. O curso que se vai embora, foi para mim um livro aberto. Aprendi muito. Curso exemplar por muitos títulos. Eu também gostava de ser assim um livro aberto, como eles. Um livro aberto só com duas folhas; uma em branco, aonde Deus escreve; outra escrita aonde o povo lê.

Tinha uma cara muito feia, muito feia, o irmão que cuidava dos porcos. Ninguém aqui tem uma cara tão feia como a dele, e nós temos aqui exemplares raros. Mas tinha uma linda alma o irmão fr. X. Um dia o irmão ecónomo trouxe da feira de Vigo 3 leitões de raça. Na Galiza é vulgar aquela raça de porcos Berkshire, grandes como toiros e gordos como porcos, e quando pequeninos são lindos como os amores. Pois eram desta raça os três que vieram para o convento. Andavam à solta pela cerca, sempre em grandes correrias, de focinho no ar. Um dia desapareceram. Ninguém sabia deles. Procura, pergunta, indaga... nada; grande escândalo; tinha sido violada a clausura! Nisto o irmão que cuidava das vacas entra com um feixe de feno, abre o curral e que vemos nós? Que vi eu? O quadro mais engraçado da minha vida. Uma das vacas tinha um filho, que só de noite se juntava à mãe. Os bacoritos tinham entrado para o curral por um buraco da porta e estavam agora todos três, cada qual pegado à sua teta, fartos a estoirar e a vaca regalada, a contemplá-los. Nunca vi, nem de certo torno a ver, semelhante cena!

O irmão fr. X era o cozinheiro e tratava também das galinhas. Outro quadro interessante. Estas, a horas costumadas, formavam à porta da cozinha, em grande palestra, à espera da gamela das couves. Aí vinha o irmão fr. X mexendo os farelos. Elas abriam alas, com inclinação medíocre, e agora seguiam atrás do frade, irreverentes, violando as regras do silêncio. — «Pois sim, dizia fr. Alvaro remexendo a gamela, leria tendes vós mas a respeito de ovos, nada vejo». E deixava a gamela na capoeira.

FREI JUNÍPERO

Visado pela
Comissão de Censura

Nós fomos ao Coliseu

Permanência é a palavra-definição da nossa Festa.

Permanência do concurso entusiástico dos nossos Amigos. O Coliseu teve ontem mais um dos seus dias de enchente. Nem a Queima das Fitas, nem o peditório para os tuberculosos, nem o quei patinado... nem nada perturbou o nosso público. Ele encheu lugares e coxias e ficou gente cá fora cheia de pena de ter chegado tarde. Nós bem prevenimos!...

Permanência da dedicação incansável de todos, desde a Gerência ao mais modesto empregado do Coliseu.

Permanência da boa disposição e espontaneidade dos nossos rapazes no estabelecimento da comunhão íntima entre quem e além palco.

Permanência de outros rapazes que já não estão na

Obra, e aquela noite ali vêm dizer que os laços familiares perduram. Muitos trazem mulher e seus filhos. A Obra vai crescendo em idade... e em netos!

Daniel, Júlio, Cândido e Bonifácio foram os reis da festa. Mas o primeiro dirá no próximo número de como ela foi, para que saibam os muitos leitores que não são do Porto e não puderam vir, posto estivesse até gente de Lisboa, vinda prepositadamente.

Eu hoje só quero dizer aqui que fomos ao Coliseu e que tivemos uma vez mais ocasião e motivo para dar graças ao Senhor pela multidão incontável dos Seus beneficiários.

Bendito seja Deus!

E até ao ano, se Ele permitir.

CALVÁRIO

Manhã de domingo. De Paço de Sousa a Beire é um saltinho. São poucas as vezes que o posso fazer. O mundo de Paço de Sousa absorve a vida de um padre. É a eficácia de uma presença. Sinto essa necessidade. Os nossos rapazes também a sentem. A vigilância paternal é remédio preventivo. Evita males cujas consequências não podemos avaliar em toda a extensão. Somos portadores de uma missão sublime. Ser Pai. Queremos realizá-la em plenitude. Até à doação total e sem reservas.

Pois bem. Foi um dos poucos domingos em que a presença física do Senhor Padre Carlos esteve entre nós. A ânsia de comunicar a chama do Amor leva-o a calcuarrar em todos os sentidos as estradas do nosso Portugal. Desta vez ficou. Celebrou para a comunidade de Paço de Sousa e eu fui para Beire. Manhãzinha cedo, ainda o sol não despontara no horizonte. Foi um instante. A Cruz é a chave do Calvário. Não entrem lá por outra porta que seria falsa. O Calvário é dominado pela Cruz. Ela o centro. Sinal de vitória sobre a miséria humana. Ali é lugar de luta na certeza do triunfo contra a incompreensão do incurável. Caem por terra os obstáculos postos pelos hospitais e misericórdias. O Calvário nasceu à sombra da Cruz. As vitórias de Deus são assim. Constroem-se so-

bre aparentes derrotas. Não será porventura uma vitória a alegria do Sr. Alfredo mai-la do Sr. Teixeira? É vê-los de um lado para o outro numa demonstração de pujança adquirida desde que ali entraram. Esquecem-se do sofrimento. Compreendem-no. *Estamos tão bem!*

Ali mesmo, depois de expor o que Deus parecia querer de nós naquele lugar privilegiado, partilharam da nossa alegria, e deixaram um pouco de Amor. O Sr. Alfredo e Sr. Teixeira foram testemunhas. «Retomo hoje o caminho do Calvário enviando 500\$ relativos aos meses em atraso incluindo já o mês de Abril». É de Sátão. Pelo mesmo caminho vêm outros. Não olham a distâncias. Na certeza de que o caminho conduz à salvação não hesitam. Moçambique segue com mil. Uma série com 100\$ e outra com 50\$. Ele é de Nisa. Ele de Vila Nova de Gaia, de Lisboa, do Porto. «Um fruto de tanto sacrifício, de tanta dor só para o Calvário se pode destinar». Fala um Durio-Beirão em Lourenço Marques. Aqui vai o resto do prometido para o Calvário. Por agora fica saldada a minha dívida. Mais tarde virá nova ajuda. Só hoje me foi possível ter dinheiro para completar a dívida pois as migalhas de um rendimento que meu pai deixou muitas vezes são absorvi-

Cont. na 2.ª pag.



Naquele domingo falava eu às missas em Santa Cruz e os nossos rapazes faziam o costumado pedidório.

A um dos intervalos vêm três senhoras com uma aflição. Uma é viúva com filhos e duas são professoras do Liceu. *No inverno passado, numa encosta dos arrabaldes da cidade, encontramos várias famílias a viver na maior miséria. Veja se nos pode ajudar.*

À tarde o Sardinha, mais as senhoras e eu fomos ver. Tinham razão.

A minha ida ali era mais necessária por causa dum pequenito de nove anos. A mãe era nma mulher nova, forte, anormal, que andava pelas ruas com uma ceira aos papéis velhos e passava a maior parte do tempo em frente a Santa Cruz. À sua roda, agarradas à saia e ao chaile já sem cadilhos, andavam sempre três crianças a pedir um tostãozinho a toda a gente e uma outra ao colo. Coimbra toda a conhecia. O rapazio das nossas ruas aproveitava a ocasião. O caso affligia toda a gente de consciência.

Há meses a mulher foi internada no manicómio. A filhita mais velha ficou aos cuidados de uma família. Uma outra de seis anos ficou com uma tia-avó parálitica que aproveita a pequenita para estender a mão a quem passa junto da esquina onde está. O mais pequenino faleceu e o outro é este de quem hoje falo e que é nosso desde aquela hora.

O pequeno vivia com uma avó que está entredada já há tempo. Esta, por sua vez, vive com uma filha que está junta com um homem de que tem duas criancinhas, a um canto das ruínas de uma barraca. Ele trabalha na areia do rio. No inverno, ou quando o rio não deixa, não faz nada.

Este pequeno tem na cédula

o nome de António José e é filho de pais incógnitos.

Ora se eu já andava ferido, mais dorido fiquei. De há poucos meses para cá já recebemos na nossa casa quatro pequenitos, filhos de anormais, sem se saber quem é o pai. Não sou capaz de me calar. Não posso. Não há direito. É um crime que brada aos Céus. No nosso Registo Civil admite-se isto. Há inquéritos para tudo e para crimes destes não há nada. Não há penas. Não há cadeia. Não há uma imposição de reconhecimento de paternidade. Estou a sangrar.

Estas crianças não-de pela vida fora sentir a amargura cruel de não poder chamar pai e de não poder chamar mãe.

* * *

Outra nódoa social muito triste são os bêbados pelas ruas. Na última Sexta-Feira Santa, enquanto todo o povo cristão se devia compenetrar do grande Mistério do nosso resgate no Calvário, andava nas ruas de Coimbra um homem a cair e a disparatar. Passou em frente de autoridades, acotovelou-se com muita gente, mas ninguém pôs a mão.

Nesse dia andavam os nossos pequenitos vendedores também por aquelas ruas. Custou-me tanto que eles contemplassem aquele espectáculo!

Na última semana presenciei mais uma cena na rua da Sofia. Eram grupos de pessoas a mofar e a zombar de uma mulher que passava a cambaleiar no auge de alegria provocada pelo álcool.

Eu perguntei a mim mesmo se isto não é uma afronta a uma sociedade civilizada e porque será que as autoridades não detêm todos estes dementados que são a vergonha do povo a que pertencem.

Padre Horácio

CALVÁRIO

Continuação da
1.ª página

das pelas despesas da casa porque o meu ordenado não chega. E don muitas graças a Deus. Uma noelista». «Pedindo desculpa por me ter atrasado tanto, venho enviar a minha habitual contribuição para o Calvário (80\$00) referente aos meses de Janeiro a Abril». Com alicercos destes a Obra do Calvário não desmoronará. Disso estamos certos. Como a árvore que lança as raízes bem lá para o fundo torpando-se capaz de resistir às rajadas mais violentas, assim o Calvário. Mergulha as suas raízes nas profundezas do coração humano e aí se encontra com Deus. Uma humilde portuense volta com a remessa habitual — 100\$. A «pecadora do costume» manda 20\$ do mês de Março porque não pode mandar mais. As obras de Deus são assim. Exigem o dom total até ao sacrificio. «Não posso mandar mais» significa isto mesmo. Estas as pedras mais seguras. A base do edificio. De Lourenço Marques chegam as prestações de Março e Abril — 500\$ de cada uma.

Não mandamos à cobrança. Não mandamos recibo. Não lembramos. Contudo não faltam. O Porto, que tão depressa conheceu o caminho de Paço de Sousa, há muito que começou a trilhar o do Calvário, 1.000\$ em cumprimento de uma promessa. «Migalhinhas de toda a parte. Cem do Porto. As mesmas de Mafra; 250\$ de Lisboa. 200\$ para duas telhas. Vinte relativos ao mês de Maio em «acção de graças por se me ter proporcionado esta alegria de ajudar com a minha migalhinha os que dela necessitam. De uma doente para doentes». Em cumprimento de um propósito «envio 100\$ mensalmente para os habitantes da casa «Ouvi-me Senhor». E mais dois com o mesmo fim. Quatro vezes mais de alguém que pede o anonimato. Mensalidade de Abril «Amando os homens por amor de Deus». Uma coberta e uma toalha acompanhada de 300\$. Mais mensalidades — de Lisboa, Porto, Coimbra. Um que acredita na Comunicação dos Santos: «Permita Deus que, pela expiação

Era domingo. Depois da missa de comunidade na capela do costume e do café no Lar, Teixeira, Ilídio e Toino, mais eu, fomos visitar os seus e os meus Pobres.

Há muito já que não ia pelo Barredo. O rodopio da nossa vida enreda-nos nas suas voltas e andando sempre, a gente não anda ainda o bastante. Padre Manuel António e D. Virginia têm sido agora os visitantes mais assíduos, não contando aquela legião de seminaristas da Sé que, dia a dia, vão engrossando, ao clamor da justiça que por todos os lados os rodeia.

Pois mesmo assim os meus Pobres ralharam comigo. «Que há muito tempo...» «Que parecia impossível...» Ralhos de confiança e amizade que sabem muito bem.

Descemos as escadas do Barredo. Eu não desgostaria de morar nas Escadas do Barredo, ali onde é a casa (!!) da Beatriz, a mãe do Zé da Lenha. Sempre que lá vou vêm-me ao ouvido palavras de Pai Américo: «O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido. Seus largos. Seus nichos e alminhas — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim, tem de ser escondida!»

Que pena! Sendo bonito, o Barredo ter de ser escondido! Falta o pão, a água, o sabão, o ar... E a dignidade humana do povo que ali mora, acha-se reduzida, às vezes, de cem por cento. Por isso tem de se esconder.

A Beatriz lá estava, tomando o sol daquela manhã, que Deus dá de graça. Dentro de casa era tudo nudez. O único lençol e os cobertores tomavam também o sol purificador. Em cima da mesa comprimidos e injeções. A Beatriz anda na Carvalhosa. No Barredo, em todas as casas há quem ande em S. Crispim ou na Carvalhosa. Cartazes colados nas paredes, que eu vira momentos antes, diziam que se morre menos. Talvez... Adia-se a morte à força de comprimidos e injeções. Que adoece não se adoece menos, não senhor.

Continuamos a descer. Bate-mos à porta, mas a Mãe do Edmundo não estava. Aos domingos, depois da missa, ela vai ao Prado do Repouso ao pé do lugar onde se desfaz o corpo que já ali desceu mais que desfeito.

Uns degraus abaixo é a Maria Amélia. Estava que nem um feixinho atado pela roupa. Vê-se minguar de visita a vihidrazidas sobre uma velha cõ-

desse nossos irmãos, eu seja aliviado dos sofrimentos morais e físicos e possa continuar a satisfazer o que julgo ser fruto de inspiração divina». Ao festejar o seu aniversário natalício manda 500 para aliviar as dores dos nossos doentes. Um anónimo do Porto acrescenta uma migalhinha em sufrágio de uma alma que muito sofreu. Roupas, remédios e 100\$ de Aveiro. Graças a Deus.

Padre Manuel António

BARREDO

sita. Mais cálcio e vitaminas e moda. Porém, naqueles 5 metros quadrados (se tanto...), iluminados e arejados por uma porta estreita, que não dá vazão ao cheiro a petróleo de uma máquina que ardia com a panela do caldo, reduzem a zero a eficácia dos medicamentos. No século passado a Maria Amélia já teria morrido, com certeza. Agora a morte adia-se. Eis.

Voltamos a subir um 1.º andar da Rua de S. Francisco de Bórgia. Três pequenitos tinham entrado há meses, sem burocracia alguma, a porta larga do querido Hospital Maria Pia. O terceiro foi tarde. Nem as transfusões lhe valeram. Ainda não tinha um ano... Agora tem a eternidade feliz que lhe pertence. Os outros voltaram outros. Gordos, sorridentes. É certo que o de 20 meses ainda não anda, mas quer começar. Ali, porém, naquela mansarda sórdida... Valha-lhes S. Francisco de Bórgia, que é padroeiro dos portugueses.

Passamos pelos Arcos da Ribeira. Ele lá estava em sua cadeira de lona, embrulhado nuns restos de cobertor, que o sol daquela manhã não era suficiente para um corpiço de ossos embrulhados em pele.

Depois foi a Rosinha. Aqui, metade da minha companhia ficou na rua, que tantos não cabíamos lá. A Rosinha tem as pernas em chaga há muitos anos. Não pode mais do que arrastar-se. Agora fomos encontrar tolhida também a irmã com quem vive.

Foi de uma queda naquelas escadas careomidas e quase verticais, onde a gente tem de parar à entrada até que os olhos vejam... sem luz.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Com a abundância de original, muitas vezes se tem sacrificado a publicação dos donativos! Paciência. Que o nosso silêncio forçado não gere a apatia no coração de quem dá. Antes seja uma razão forte para mandarem mais e com mais devoção.

Para começar vai a assinante 17.022. Como outras, também esta coluna tem os seus devotos. Faça chuva, faça vento, faça sol, eles aqui estão. Felizes. Oh quão felizes! Outra assinante, a 15.595, manda um «bolo» para distribuição e a nós coube 60\$. Já não foi nada mau. Mais uma senhora, a assinante 10.672, 40\$. É de Lisboa. Assim diz a carta. Mais outra assinante, de Almada, com 50\$ e «gostaria se pudesse ser que fosse a favor de uma mãe». É porque é Mãe. E mais uma senhora! É de Nariz, com 100\$. Atenção Colisen do Porto: vai aqui Alvaro Macedo, Arménio Moreira e José Rocha, cada um com 20\$. Assinante 18.622, 10\$. Do Brasil o mesmo. Laura Fernandes, de Terças, 50\$. Obrigado pelos parabens. Deus a oiça. Sá da Bandeira, Angola, aparece de vez em quando, agora com 50\$. Não esmoreça e man-

Do lado de lá do largo começa a Fonte Taurina. Dois dos meus companheiros tinham ali os seus Pobres. Depois fomos ver outro, no muro dos Bacalhóes. Em dias de sol como aquela manhã ainda doi mais o contraste entre cá fora e ali, onde eles moram. Regressamos aos Mercadores. À porta uma das nossas velhinhas daquele número. Quis ver o «negócio» que já havia feito naquele seu estar à porta esperando outros Pobres que passam, se condoem e deixam a sua esmola. Tudo tostões, mais a tijela vazia do caldo que comprara na loja do lado por 1\$20.

A outra velhinha regressava do seu giro. Passamos adiante dela e fomos esperá-la naquele salão grande, que dá guarida por entre meios tabiques de madeira apodrecida, a três famílias de filhos e filhas. As netitas lá estavam. Os brinquedos que o nosso Fernando lhes levou no Natal também, intactos. A mãe delas junta às injeções e comprimidos da Carvalhosa uma alimentação reforçada que lhe mandam os nossos vicentinos do Lar. Vai arribando lentamente.

Subimos o resto de Mercadores e depois Banharia até à Sé. Os meus companheiros faziam comentários. «O Senhor Padre é capaz de pregar moralidade nestes lugares?» Calei-me. A resposta era condenação para nós todos. Quantas surpresas no dia do julgamento derradeiro! Ia comigo uma dúvida antiga. Quem terá perdido mais essencialmente a sensibilidade moral: eles, os afogados na miséria?; ou nós, os assistentes passivos ao naufrágio?...

Os nossos tropas

Fiquei contente por Daniel se ter antecipado, dando um número de «A Voz dos Novos» aos nossos que este ano foram prestar serviço militar. Entre gaiatos e ex-gaiatos, que todos afinal pertencem à família, são bastantes. As «sortes» levaram-nos: um a Bragança, outro a Lishoa, outro a Penafiel, dois ao Porto é um magote deles a Tancos. Alguns que dali escrevem, endereçam mesmo da «Casa do Gaiato de Tancos». E eu prometi que na primeira oportunidade hei-de visitar a «nova casa».

Ora eu venho aqui falar dos nossos «tropas» por muitas razões. É a saudade; são os vínculos familiares que a distância grava mais fundo; é o sentido de responsabilidades pelo nome que ostentam. «Cá na unidade já todos sabem que sou gaiato». Por consequência, «peço que não desanime com nós, pois com a ajuda de Deus, tudo há-de correr da melhor maneira. Todos os dias o nosso terço é rezado; só o não fazemos quando estamos de serviço. Aprenda que só longe é que sabemos dar valor. Temos feito sempre por cumprir, para honrarmos sempre o nome a que pertencemos».

Depois, o convívio fraterno que se estabelece entre os que foram e os que estão. «Tenho passado uns dias de grande meditação. Não calcula as cartas que tenho recebido dessa malta

za cotizaram-se. Dividiram a massa para diversas obras da nossa Obra e a nós coube 20\$. De visita esteve cá o Senhor Doutor Gonçalves Cerejeira, de Lourenço Marques. Deixou 100\$. Procurou por mim. Não estava! Tive pena de não poder abraçar amigo tão bom e que tão bem nos recebeu por lá. Antes de regressar não se esqueça de tornar, Senhor Doutor. Assinante 7.696, 20\$. Capitão Carlos Vilar, 50\$. Assinante 15.710, 10\$. Do Porto, 50\$ do assinante 15.074 e «referente ao ano de 1957 que estou em dívida por esquecimento». Depois segue a importância de 1958». Ora assim é um amor. Mais uma paragem: «Envio 20\$ destinados à mãe dos 4 filhos» para com eles comprar um litro de leite de que deve ter precisão. Bem sei que é pouco, mas muitos poucos fazem muito. Dá Deus as nozes a quem não tem dentes. Se houvesse boa vontade muitas misérias seriam largamente minoradas. Desconhecido». Uma senhora, ainda prima do nosso Pai Américo, veio à Tipografia e como do costume: *tome lá* — desta vez são 60\$. Silvério Vaz, 40\$. De um meu antigo discípulo, João Baptista Pinto, 10\$. É com muita simpatia e com muita alegria que, de vez em quando, vejo, aqui, donativos de antigos companheiros de escola. «Por uma graça do bondoso Padre Cruz», 20\$, com a nota de que «não façam referência no jornal ao nome da terra que possa ir no carimbo do correio». E finalmente, Fernando Crespo, na Diamang, mil angolares. Nem calcula o jeitinho que fizeram! Obrigação a todos.

Júlio Mendes

brava. Cartas que me deixam a cismar se será possível tudo isso».

Os nossos «tropas» andam por lá amadurecendo, fazendo-se homens. As lágrimas que às vezes escorrem são fruto do contacto com a dureza da vida, que eles esqueceram por completo durante os anos aqui passados. «Há uma inquietação de ser melhor e arrastar consigo. «Eu quero ser um rapaz contente e se Deus quiser hei-de sê-lo. Lance a sua bênção por cima deste seu filho perdido em... no meio de vícios, para que eu seja bom e para fazer os outros bons».

E há também o amor fraterno dos que já passaram pelo mesmo e hoje escrevem com a sua experiência a dar confiança e alguns conselhos preciosos aos seus irmãos mais jovens. Eu respigo da carta do Waldemar, que a última «Voz dos Novos» publica, só porque o espaço não consente que a carta vá todinha.

«Acabo agora mesmo de ler o último número de «A Voz dos Novos». E ao ler as cartas dos novos soldados parei a meditar nelas e ao mesmo tempo a recordar os tempos idos. Aproveito esta «Carta» para lhes dedicar estas pequenas linhas.

Se quiserdes arranjar quem vos ampare nas vossas horas de aflição, fazei por cumprir sempre o que os vossos superiores vos ordenarem.

Também não deixeis de fazer uso das vossas artes, porque não só vos tornais mais úteis à Pátria, como também se torna útil para vocês. Claro, agora enquanto recrutas não o podeis fazer, mas depois de prontos.

Não esqueçais as vossas orações, pois é com elas que venceis. Não podem esquecer a vida de comunidade da nossa Obra, aproximando o mais possível. Estou certo que assim será, mas nunca é demais ir lembrando porque a gente às vezes esquece um pouco e o prejuízo é só nosso.

Foi assim que eu cumpri a minha vida militar e, foi assim que eu não só trouxe a minha caderneta limpa, como também consegui tirar a classificação mais alta da escola de cabos do meu regimento.

Não é preciso mais nada. Apenas cumprir o nosso dever perante nossos superiores e perante Deus. E estai certos que não custará tanto como também honraremos a Obra da Rua que é a nossa Mãe!

Se vos não acreditardes, escrevei para o Cândido ou para o Domingos que vos saberão dizer. Não esqueçais os conselhos do nosso Querido Pai Américo que o é agora na pessoa dos Padres da Rua.»

Já vedes pois, rapazes, que eu não tenho motivo algum para «desanimar» convosco. Bem ao contrário! De vós espero uma boa vontade toda disponível nas mãos de Deus. De resto, todos os dias vos recomendo a Ele, com aquelas mesmas palavras que um dia Pai Américo rezou por um de vós: «Senhor, eles são mais Teus do que meus».

SETÚBAL

A vida humana é um combate. Este velho conceito actualiza-se em cada homem e em cada geração.

Toda a história antropológica vem reforçar a afirmação com o peso dos seus argumentos empíricos. Uma olhadela pelo mundo aviva ferozmente a mesma ideia. A introspecção particular verifica objectivamente a verdade da verdade da velha frase.

O homem foi feito para lutar e vencer e o seu Autor não lhe exige senão que lute e vença. Lutas travadas no interior de si mesmo sem que se ouça fragor de batalhas, ribombar de canhões ou veja o flamejar de lanças retintas de sangue! Vitórias heróicas em que o orgulho e o egoísmo são reduzidos a cinza, florescendo o homem equilibrado, qual «foenix renascida», dum montão de escombros. Poderíamos, quase definir o homem como o ser cuja vida é lutar e o homem equilibrado aquele que canta vitória ostentando briosamente o trofeu do encontro.

A Casa do Gaiato, abriu as portas, sempre francas a qualquer homem de boa vontade, alegremente, muito alegremente para receber os vicentinos das várias conferências de Setúbal. Se todas as visitas nos alegam, estas muito mais, sobretudo quando trazem fins como os que impeliram os vicentinos a reunirem-se dentro de nossas paredes.

Uma assembleia vicentina é um acontecimento de importância. Um comungar de ideias, sentimentos, doutrina! É um revigorar de novo, um recomeçar fresco! É ver passos certos trilhados que dão ânimo a encetar nova caminhada e examinar outros menos acertados que previnem futuras realizações de menor proveito. É afinar relações com o grande motor da sua acção em favor de si mesmos e dos Pobres: Deus. É verificar que, afinal são coerentes com os seus princípios, que a própria religião não é fachaçada, moda ou consolo sentimental, mas força que ajuda a lutar, vencer e triunfar. É convencerem-se de que o Evangelho, a doutrina de Cristo e a Sua vida, são duas paralelas que avançam juntas sem se chocarem, que a sua felicidade é algo de objectivo e real que a sua acção é proveitosa, a luta constante e a vitória certa!

O «Vicentino», é, para todo o homem com mentalidade actual, o leigo que melhor e mais apologeticamente vive as convicções pessoais. A sua crença numa Divindade que é Amor leva-o a debregar-se sobre os problemas do pobre, a sua deseducação, miséria moral e material, ignorância, incompreensão e quantas vezes ingratidão, exclusivamente para amar em verdade e assim se aproximar desse Amor. O «Vicentino», é, para qualquer mortal que encara a vida com seriedade, um ponto de interrogação e admiração; é o homem que usa as melhores armas para alcançar vitória sobre si e sobre os outros. O «Vicentino» é o homem da vanguarda na linha religiosa e social! As passadas a caminho da barraca de seu Pobre são, sem dúvida, sacramental operante que lava as culpas, abre por-

tas à felicidade terrena e celestial, faisca luz de grandeza que ilumina até os próprios cegos!

Os vicentinos trouxeram-nos uma grande lição — a eloquência do seu relatório e nós guardamos lição ainda maior — o entusiasmo e fervor com que novamente voltavam à vida para realizarem mais e melhor por Deus e pelo Pobre.

Já encontraste algum homem

Há dias passei pela sala da expedição em momento de grande azáfama, no auge mesmo da dita.

Manuel Coco, que desde há muito era ali o timoneiro, deixou o leme e dá em Bragança o serviço militar. A suceder-lhe foi chamado o «Esticadinho». Naquela hora em que por lá passei, «Esticadinho», todo dado à sua tarefa, nem para mim olhou. Os seus ajudantes, a mesma coisa. Eu não. Eu olhei-os num instante e fui a vê-los muito tempo, depois de ter retirado. E conservo a imagem no meu coração. E sinto, agora como então, a mesma urgência de agradecer a Deus a grandeza dos seus benefícios.

«Esticadinho» tem 14 anos. «O Gaiato» tem 34.000 assinantes, e passar. Eu não sei como são os jornais importantes. Eu não sei a importância que é costume dar aos encarregados de expedição. Sei apenas que é missão árdua e de responsabilidade. Sei que em Portugal nenhum jornal tem 34.000 assinantes. E, também, que em nenhum deles se comete a «loucura» de entregar a expedição a um rapaz de 14 anos, que não quer saber de quem entra ou de quem sai no lugar do seu trabalho, todo dado a ele.

Ora, meus senhores, se houver um quarteirão de enganos, ou mesmo meio cento, em 34.000, nas mãos de um chefe de 14 anos, secundado por outros de menor idade — é coisa de espantar?!

COBRANÇA

Isto vem para dizer a raiz das nossas culpas nos casos dos senhores que recebem dois jornais; de outros que não recebem nenhum; de outros que pagam e recebem aviso de dívida; etc. etc.

A verdade é que nem sempre a culpa é nossa, como aliás o confessa a maioria dos nossos leitores, quando aproveita o avisito do atraso, ou mesmo o recibo da cobrança, para se pôr em dia e nos declarar, uma vez mais, o seu grande carinho.

Querem ver?

«Realmente já tenho ido aí, costume às vezes mandar alguns donativos, mas o pagamento feito a preceito se calhar nunca o fiz. Agradeço, pois a vossa atenção em me avisar e peço que o façam sempre, sim?»

E mais esta:

«Tantas e tão variadas as causas do meu retardado envio e cumprimento de pagamento que, não sei dizer qual delas possa e devesse servir de base; entretanto, como estamos em tempo de Penitência, não deixarei de focar a negligência, pedindo-lhe, de joelhos, me abençoe e perdoe.»

E outro assinante, não se fica em veleidades. Ele próprio se impõe e cumpre a penitência: «Os quarenta escudos sobranes representam neste caso a multa que pagarei voluntariamente pelo meu descuido.»

E são cartas e mais cartas do mesmo teor.

A vida, quando se procura vivê-la à sombra de Deus, vai-nos ensinando mais e mais o gosto do Evangelho. «Há mais alegria no Céu por um pecador que se arrependa e faça penitência...» É verdade! Estes «atrazos», estas «negligências», estes «descuidos», são oportunidades de reactualizar um amor que, às vezes, o turbilhão entorce e adormenta.

Quem dera que não fôsse precisa a cobrança! Ela mistura-nos tanto com um certo teor comercial que nos repugna. «O Gaiato» e as nossas edições são vozes do amor a Deus realizado no amor do próximo. Por isso eles não têm preço. «Não se paga». Eu ponho, mesmo, entre aspas, porque este «não se paga» é a voz corrente entre os leitores.

Mas como acordar os «adormecidos», os «descuidados», os «negligentes»?... E aqueles (tantos são!) que pagam, sim, mas não «a preceito», sem dizer a que se destina o dinheiro; ou, então, mesmo anonimamente, como ainda há dias de Niza, uma importância que veio «para liquidar a minha dívida deste ano de 1958», subscrita por «Uma vicentina»? Como havemos de dar baixa? Como não há-de ser aquela senhora, surpreendida, qualquer dia, por um aviso de dívida que realmente não deve?

A cobrança é, pois, um amargo que temos de sofrer pela necessidade de arrumarmos as coisas. Mas se os nossos leitores quisessem estar todos muito acordadinhos, muito «cuidadosos», nada «negligentes», isso é que era bom!

vencido? En já encontrei muitos. Era vicentino a sério? Não. Posso garanti-lo, que o vicentino canta vitória, abre clareiras, irradia luz, espelha felicidade.

O «Vicentino» é o homem que luta, vence sempre, e, por isso, se impõe.

Que seria o mundo se todos fossem como os vicentinos?! Haveria terríveis combates individuais mas acabariam os colectivos. A questão social resolver-se-ia por si própria e o homem cantaria vitória na luta.

Padre Acílio

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

CONFERENCIA — Isto é o que observe nas visitas aos nossos Pobres. Bato às portas, entro, espreito, reparo. Aconselho e dou algum do que trago comigo, para apagar um pouco a miséria.

Não nos esqueçamos de rogar a Deus para que abençoe os nossos esforços e estes nossos irmãos, que são autênticos heróis. Tomai nota. Não nos esqueçamos.

Temos de ter a ajuda de todos vós, para os grandes encargos que temos.

Desde que escrevi, apenas recebemos 70\$00 o que para a dívida de 344\$80 não chega. Creio que nos não abandonarão, pois precisamos de todos. Todos são poucos para um Portugal maior e para combater a miséria. Vamos todos trabalhar.

Espero dentro em breve ver chover... e de tal forma que se diga: chove a cântaros. Oxalá que a força do bem actue sem medidas.

— Estamos tristes com a morte de mais uma nossa Pobre. Tão velha mas tão maternal e graciosa. Era um regalo falar com ela e ouvir as suas graças sempre novas!...

Foram os vicentinos acompanhá-la à sua última morada terrena e no dia seguinte a sua alma teve os benefícios duma missa a que assistimos.

— O nosso grupo está a ganhar muita fama. Quem quiser provar dela, venha e veja. Os de Paço de Sousa que se ponham a pau!...

— Ainda não vieram as colchas que aqui pedimos. Não se esqueçam. Recuperem de novo a lembrança se já estão esquecidos.

— O Senhor Padre Baptista já tinha vergonha de sair de casa. É verdade. Não tem sapatos. Anda mesmo com a sola dos pés a ver-se. Os senhores estão a ouvir?

Zé do Porto

BEIRE

— Estamos em Abril, mês das rosas, mas também das plantações e nós já começamos a semear a batata, a semear o milho, o feijão, etc. Se Deus quiser já não irá para Paço de Sousa porque no verão teremos cá a nova malta para devorar tudo.

— Ficamos sem o Zé das Botinhas que foi para a Casa do Gaiato de Setúbal porque assim foi preciso. Enquanto aqui estava bem se arranjou. Agora Zé, vida nova. Vê lá, o que nós desejamos é que te portes muito bem, embora com saudades tuas, das tuas cantigas e das tuas gargalhadas.

— Parece que tivemos a pouca sorte dos nossos leitores não nos ouvirem? Pedimos há tanto tempo o harmonio e nada. Era o harmonio para a nossa capela, para nos acompanhar a cantar no mês de Maria que já vai começar, e os instrumentos como a harmonica de mão, etc.

— Recebemos a magnésia para o Senhor Teixeira, mas não a pasta dos dentes para o Alfredo que ainda está à espera. Um pequenino pacote. Um selo de poucos centavos etc. Casa do Gaiato de Beire—Paredes. Cá vem ter sem mais incómodos. Recebemos para as nossas galinhas farinha «Vouga Protector». Pano de Lisboa e 20\$. Mais 500\$ com pedido de orações e mais cem de visitantes amigos. Os nossos mais sinceros agradecimentos.

— Estamos na primavera. Os senhores não deixem de visitar esta casa de Beire, porque se vai tornar a mais bonita. E à frente do Calvário encontrarão o Alfredo disposto a mostrar tudo o que os senhores quiserem apreciar. Mas olhem, não se esqueçam de trazer a carteira, porque se não vier nada a gente zanga-se.

— Temos uma presa com agriões que muitos trabalhos deram cá ao cronista. Até mandamos um cesto deles para o Daniel Borges que o Carlitos deixou murchar na furgoneta. Já temos mandado para lá mais, pois ele é um comilão e só gosta de coisas boas. Mas o principal é isto.

Antes a senhora afligia-se por não haver agriões e agora porque não há azeite para os molhar. Os senhores já sabem por isso o que nós precisamos.

— E como nem tudo são tristezas, quero dizer aos senhores que já temos 6 perús, mas ainda nos faltam os ovos de patã e de gansa. Já sabem como é o negócio: Casa do Gaiato de Beire—Paredes. Se vai para Paço de Sousa, fica esquecido e lá morre...

Zéquita

LAR DO PORTO

— Caros leitores: Por cá, continua tudo muito sossegado, como dantes. No entanto, nas horas de refeição, visto juntar-se toda a malta, há sempre um ou outro que altera um pouquinho a disciplina. Mas acaba tudo num instante, pois temos que nos preocupar com os nossos deveres de cada dia.

— Em Abril saíram mais dois deste ambiente para o serviço militar. São eles o Joaquim Mendes e o João, indo este como voluntário para a aviação. Deus lhes guie os passos.

A estes dois companheiros desejamos que saibam enfrentar mais esta dificuldade, não esquecendo portanto, que são filhos da Obra da Rua e que cada um deles é mais uma bandeira para um mundo melhor.

— A rapaziada anda mais satisfeita porque a Misericórdia parece que se resolveu a vender ou mandar fazer obras neste casarão. Com as ditas obras, isto vai ficar o que se pode dizer uma categoria, segundo os projectos do Senhor Padre Carlos.

— Uma fábrica deu a um ceguinho uma quantidade de pentes e este, ofereceu-nos uns poucos, para andarmos mais tirões, com o cabelo mais alinhado. São assim os Pobres. Amigos uns dos outros.

Uma senhora queria que a malta se entretivesse e mandou-nos uma mesa de ping-pong com as respectivas raquetes. Portanto só nos faltam agora as bolas. Façam uma pequena ideia, caros leitores, o que são duas mesas movimentadas por vinte e tantos rapazes.

— O dono da fábrica «Manufactura Nacional de Alumínios», pôs-se às nossas ordens, dando-nos toda a louça que nos fôr necessária. Mas nós não abusamos da sua bondade. Desde já a rapaziada agradece.

— Temos ainda recebido muita hortaliça do Mercado do Bolhão, que várias hortaliças nos oferecem. Te-

ainda a tornar sobrenaturalmente consanguíneos a todos os membros da família de Deus. Verdadeiramente «todos somos um único corpo quando nos alimentamos deste único e divino pão repartido para nós sobre o altar».

«A Casa! O homem, tem necessidade da casa. Os passarinhos têm um ninho, os animais a toca, mas o homem tem necessidade duma casa porque o homem tem uma família. O animal é só.

E é na casa que a família tem o seu pleno sentido, porque a casa condiciona a vida. É ali, na intimidade das paredes domésticas que o homem consolida os seus afectos puros e se subtrai à fascinação das paixões. É ali que ele encontra as realidades da vida e a razão da sua vocação terrena com vista ao seu fim ultraterreno».

Cardeal Lercaro
Arcebispo de Bolonha

mos no entanto e muito em especial da S.ªnhora D. Idalina e Sr. Capitão, que parecem que escolhem para nos oferecer. Da Padaria Primavera já por várias vezes nos mandaram grande quantidade de pão fino. Assim como também o Café Aviz.

— Uma anónima vendo que no nosso quarto de banho cabia mais uma banheira, teve a bondade de no-la enviar. Entraram outros donativos. De uma anónima um pacote de roupas. Do Porto outro tanto. De outra anónima diversos remédios e de uma senhora do Bonfim, grande quantidade de revistas e livros, etc.

Muito e muito obrigado a estes benfeitores que não querem que hajam rapazes maus.

Fernando Dias

PAÇO DE SOUSA

— Já fomos ao Coliseu, mostrar a nossa planta e a nossa categoria. E os senhores do Porto fizeram na mesma, pois a sessão de capas, no final, foi muito concorrida!

Pois «adei é assim». Foi uma festa como manda a respectiva!... Não fazemos isso por menos, podem já ficar a saber. Nós somos duma marca...

Há outras terras que já requisitaram a nossa visita. Os senhores ve-

De como nós fomos à Queima das Fitas

Dando continuidade a uma tradição lançada pelos estudantes nossos amigos da Universidade do Porto, lá fomos por aí abaixo no dia 10 deste mês. O entusiasmo entre os rapazes é grande como sempre. A ansiedade de chegar ao Porto é grande também.

Como é costume, a primeira visita que fazemos nesta cidade do trabalho, é ao Café Imperial, onde ficamos confundidos com a amabilidade e carinho do gerente Senhor Paiva e a atenção de todos os seus empregados. Tomamos o nosso café com leite e pão com manteiga, com todos os nossos rapazes alegres e bem dispostos. Nesta altura já se encontrava connosco o grande organizador do dia de Beneficência da Queima das Fitas, Senhor Guedes, o qual cumprimentamos. Entretanto todos tomaram o seu café e são lançados dois vivas entusiásticos ao Senhor Paiva e ao Café Imperial. Saímos pouco depois em direcção à Universidade onde éramos esperados por uma comissão de estudantes de ambos os sexos. Os

jam lá nos trabalhos que se metem. A nossa categoria subiu muito.

— Visitou-nos o simpático Sport C. da Régua, para defrontar a nossa equipa de honra, retribuindo desta forma a visita que em tempos lhe tínhamos feito!

Foi uma partida bastante agradável e movimentada. Vencemos com inteira justiça por 4-2.

Alinhámos: João; Roque, Augusto e Carlitos; Daniel e Pinheiro; Caetano, Vicente, Oscar, Rui e Queimado.

Todos estão de parabéns pelos óptimos resultados que o nosso conjunto tem averbado. Temos feito uns resultados basto interessantes. É por isso que muitos grupos querem jogar com nós. Todos os domingos são dois e três encontros. Jogam primeiras e reservas. Acontece que muitos ganham com as reservas e vão-se gabar que ganharam ao primeiro time. O último a fazer isso foi o Carvalhosa. Ora vamos a ver. Branco-branco. Preto-preto.

Também ganhamos ao Crestuma com a mesma equipa por 6-5 e ao Rezende por 4-3 com a seguinte:

João; Vicente, Roque e Carlitos; Domingos e Daniel; Caetano, Orlando, Oscar, Camurra e Gaia.

Daniel

PÃO E CASA!

«Pão e casa são necessidade de que o homem, não pode prescindir como das mais profundas e mais altas necessidades do espírito e do coração. Não são as únicas necessidades do homem; e o próprio Jesus no Evangelho, anunciando a paternal bondade da Providência divina que vela pelos seus filhinhos, ao lado do pão recordava o vestir e convidava a olhar os passarinhos do ar que, não semeando nem ceifando, têm da Providência do Pai o alimento necessário e as flores do campo, sem fiar nem tecer, ainda recebem da mesma Providência os vestidos das cores mais magníficas.

Mas — pão e casa são de tal forma ligados à vida e às suas primordiais exigências que a palavra de Deus, já no Antigo Testamento e depois no Novo, sempre acentuou, como objecto sobre que incide espontaneamente o amor do irmão que acode ao próprio irmão nas suas necessidades.

O Pão! sustento da vida; «bauculus vitae» lhe chama a Sagrada Escritura. E é de facto o alimento de todos os dias, de todas as mesas; é o alimento do homem, que dos outros alimentos parece ser o comple-

mento e aumento do gosto a impedir que pela continuação se lhes perca o paladar.

É uma poesia o pão! Não é amplificação literária, mas visão profunda da realidade: o pão sobre a mesa da família, o pão que o pai distribui aos filhinhos: é o seu trabalho, o seu suor, é, de algum modo, o seu sangue, com que alimenta e faz crescer os filhos.

É o pão que, sobre a toalha branca a mão rude do pai estende para o dividir pelos filhos que fazem uma coroa à sua volta, que é um vínculo profundo que une pai e filhos. Que é um vínculo de fraternidade profunda que une todos entre si: «todos somos um só, quando nos alimentamos do único pão» escreve S. Paulo.

Mas já nesta palavra, o pão aparece iluminado pela Luz superior do mistério; porque Jesus nos ensinou a pedir o pão para nós e para os nossos irmãos ao Pai que está no Céu, Jesus quis ainda que sob a aparência de pão fosse realmente o Seu Corpo e o Seu Sangue o alimento suprasubstancial da alma. E que fosse este pão, pão realmente do Céu a consolidar o vínculo entre nós, membros, e Ele, cabeça, e



Alegria! Trabalho! Eles e o «carro» de maior quilometragem da Aldeia!